

CINEMA E RESISTÊNCIA: A LUTA ANTICOLONIAL NA OBRA DE FLORA GOMES

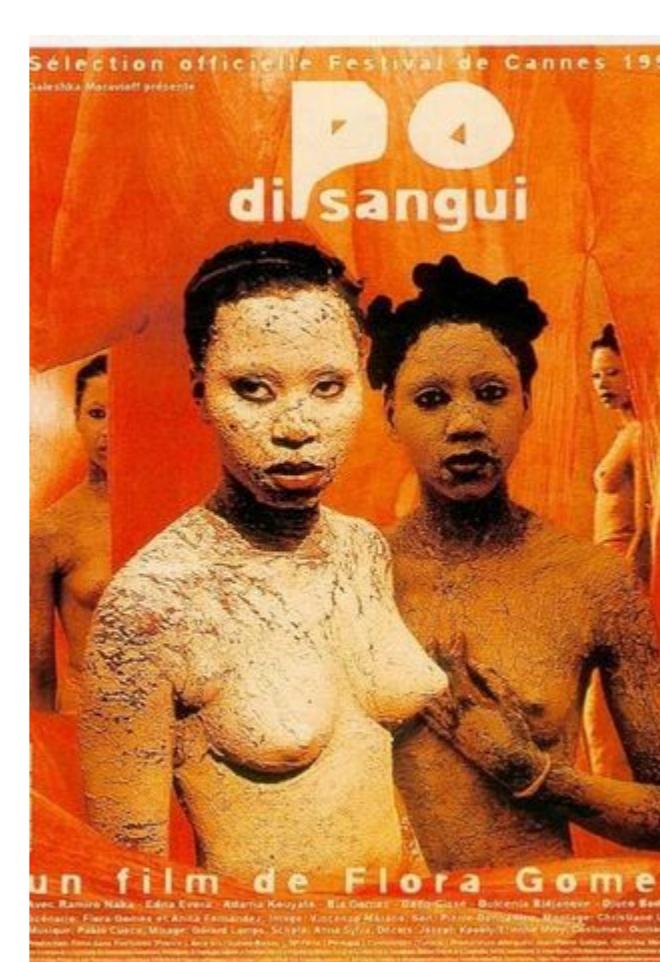
Rômulo Santos de Araújo (graduando em história); Priscila Ribeiro Dorella (Professora orientadora - DHI-UFV)

Dimensões Sociais: ODS10

Pesquisa

Introdução

Este trabalho tem como objetivo olhar para a obra do diretor e realizador de cinema guineense Flora Gomes, na busca de compreender os ecos da luta colonial presentes em sua obra, visto que pensar em sua cinematografia é também compreender que o início de sua trajetória enquanto cineasta está diretamente conectado com o processo de independência da Guiné-Bissau, uma vez que foi um dos escolhidos por Amílcar Cabral, importante líder independentista do país, para estudar cinema em Cuba juntamente a outros três jovens. O objetivo do envio desses jovens era que, ao retornarem, pudessem filmar o processo de luta pela independência do país, de forma a realizar um registro audiovisual sobre a história que ali estava sendo construída e que possibilitasse a independência do gesto e do olhar, agindo para a construção de uma memória própria. Contudo, este trabalho tem como intuito analisar a obra de Flora Gomes realizada após esse período, principalmente os seus três primeiros longas-metragens: *Mortu Nega* (1988), *Os Olhos Azuis de Yonta* (1992) e *Pau de Sangue* (1996). É possível perceber, como uma das principais características desses filmes, a reflexão do diretor sobre o passado do país, a luta anticolonial e os impactos na sociedade guineense contemporânea. Dessa forma, buscamos observar como esse aspecto se apresenta em sua obra.



Objetivos

- Compreender o aspecto anticolonial nos filmes do diretor, atentando-se à forma como a mensagem é transmitida em diferentes tempos representados;
- Analisar os aspectos de produção das obras, atentando-se às colaborações internacionais, de modo a identificar possíveis interferências europeias nas narrativas contadas;
- Investigar o que a obra do diretor busca nos dizer sobre a realidade guineense e os reflexos da luta de independência na população de seu tempo;
- Relacionar a obra de Flora Gomes a outros movimentos de cinema do Sul Global que também propuseram uma releitura crítica da história e da colonialidade;
- Pensar o papel do cinema enquanto ferramenta de luta anticolonial e como instrumento para a construção de uma identidade nacional.

Apoio Financeiro

Metodologia

Este trabalho é possível graças a uma metodologia de análise qualitativa dos seus filmes em contraponto a entrevistas concedidas por Gomes de modo a compreender não apenas o conteúdo filmico presente nas obras, mas também o extrafilmico e as intencionalidades do diretor. Neste sentido, é possível investigar, para além dos conteúdos apresentados, como a realização das obras foram possíveis dentro de um contexto de colaboração internacional com países europeus que muitas vezes moldam a narrativa histórica para que não vá contra seus interesses próprios.

Resultados e/ou Ações Desenvolvidas

Durante a iniciação científica, foi realizada uma busca empírica nas fontes, as obras cinematográficas e entrevistas do diretor, em busca de comprovar as hipóteses iniciais e aquelas que surgiram no meio do trabalho. Nesse sentido, foi possível observar como o mundo político se estabeleceu como plano de fundo central nas obras do diretor, seja no momento em que a política era, de fato, parte da história principal, ou em momentos em que ela apenas ultrapassava a vida cotidiana dos personagens. E, neste caso, a crítica ao colonialismo e ao imperialismo europeu estava presente não só ao retratar a época em que o seu país, a Guiné-Bissau, estava sob jugo colonial português, mas também em momento posterior, quando as consequências do regime colonial ainda se faziam presentes mesmo após o rompimento com a metrópole.

Considerações Finais

Este trabalho foi realizado em um momento simbólico para as independências dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), que, em 2024 e 2025, completaram 50 anos. Refletir sobre o cinema como plataforma que participou desse processo e como portador da memória desses acontecimentos é pensar os ecos desse passado e as narrativas históricas dele derivadas. Elencar Flora Gomes, um dos principais diretores da Guiné-Bissau, é destacar o trabalho de um homem que lutou pela independência do país e projetou sua história através da arte, mantendo nela o caráter anticolonial presente na luta armada e que precisa ser constantemente lembrado diante das relações imperialistas do presente. Além disso, o audiovisual revela-se ferramenta de resistência política, de construção e rememoração da memória histórica e de elaboração da identidade nacional. Assim, este trabalho busca contribuir para o campo historiográfico ao propor a historicização do cinema como aliado em processos de transformação política no mundo atual.

Bibliografia

- ARENAS, Fernando. África lusófona nas telas: Depois da utopia e antes do fim da esperança. *África (s). Cinema e revolução*, p. 20-33, 2016.
- CUNHA, Paulo; LARANJEIRO, Catarina. Guiné-Bissau: do cinema de Estado ao cinema fora do Estado. *Rebeca-Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, v. 5, n. 2, 2016.
- FERREIRA, Carolin Overhoff. O DRAMA DA DESCOLONIZAÇÃO EM IMAGENS EM MOVIMENTO-. *Estudos Linguísticos e literários*, 2016.